

A PROPÓSITO DE UMA INTERVENÇÃO DE MARCOS LUTZ MÜLLER (1982) SOBRE DIALÉTICA EM MARX E HEGEL

ON AN INTERVENTION REGARDING DIALECTICS IN MARX AND HEGEL BY MARCOS LUTZ MÜLLER (1982)

Joãosinho Beckenkamp*

RESUMO: Conhecido em geral por seu trabalho de tradução e comentário de Hegel, Marcos Lutz Müller também teve participação num evento que marca uma certa renovação dos estudos de Marx no Brasil. O artigo busca reconstituir elementos do cenário histórico em que se passa sua intervenção de 1982 nos debates acerca da dialética em Marx.

ABSTRACT: Marcos Lutz Müller, widely known for his translations and commentaries on Hegel, also contributed to a certain renewal of Marx studies in Brazil. This article aims to reconstruct elements of the historical scenario in which his 1982 intervention in the debates on Marx's dialectics occurred.

PALAVRAS-CHAVE: Dialética; Hegel; Marx

KEYWORDS: Dialectics; Hegel; Marx

Nos dias 20, 21 e 22 de maio de 1982, portanto em plena ditadura militar, a Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas (SEAF), Regional de Minas Gerais, promoveu em Belo Horizonte a *Semana de Estudos sobre Marx*, em homenagem ao centenário da morte de Marx, que se comemoraria no ano seguinte. As apresentações deste encontro foram publicadas no segundo número do *Boletim SEAF*, daquele mesmo ano, reunindo, além da contribuição de Marcos Lutz Müller, que será objeto de análise no presente artigo, as apresentações do Pe. Henrique de Lima Vaz, S.J., então professor do Departamento de Filosofia da UFMG, de Cláudio Gontijo e de João Antônio de Paula, ambos professores da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG. Marcos Müller figurava, portanto, como convidado externo, posto ser professor da Unicamp (Campinas, SP).

Seu artigo merece destaque por destoar bastante do cenário geral da recepção de Marx no Brasil daquele período, e que era certamente bastante agitado com lukacsianos, gramscianos, althusserianos e outras correntes disputando o espólio marxista aos representantes do

*Professor Titular do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: jobeqk@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0767-9373>. Projeto Probral 88887.700839/2022-00: “A Terceira Margem: Recepção de Hegel no Brasil na Segunda Metade do Século XX”.



velho marxismo leninismo, inclusive estalinistas, que ainda os havia. Sua contribuição poderia ser enquadrada naquilo que hoje se chama *Neue Marx-Lektüre*, e que só bem recentemente começou a ser recebido no Brasil, apesar de ter seu desenvolvimento original já no fim da década de 1960 e durante a década de 1970. O que parece ser uma incrível antecipação de tendências futuras revela-se, na verdade, um esforço isolado de trazer para o debate marxista brasileiro o que havia então de mais avançado nos estudos marxianos, particularmente na Alemanha. Digo que se trata de um esforço isolado, pois seu autor não lhe deu continuidade, dedicando-se posteriormente aos estudos hegelianos. O que não impediu, entretanto, que desse frutos, como se pode verificar em trabalhos posteriores que gravitam em torno da dupla Hegel-Marx.

O contato com aquelas novas perspectivas na leitura de Marx pode ser situado no período em que Marcos Müller passou na Alemanha, entre 1968 e 1975, que concluiria com sua tese de doutorado sobre Sartre, sob a orientação de Ernst Tugendhat na Universidade de Heidelberg. Esses são anos de efervescência cultural na Europa, em que a retomada de Marx como crítico do capitalismo e da sociedade burguesa está plenamente na ordem do dia, a ponto de mesmo alguns professores mais convencionais se aventurarem em escapadas sobre Marx, como é o caso de Dieter Henrich, que publica um artigo sobre a relação de Marx com Hegel em seu *Hegel im Kontext*, de 1971, de Rüdiger Bubner, que publica em 1973 um capítulo sobre lógica e capital em seu livro *Dialektik und Wissenschaft*, e Hans Friedrich Fulda, com seu artigo seminal “Dialektik als Darstellungsmethode im ‘Kapital’ von Marx”, publicado em 1978,¹ a principal fonte para o artigo de Marcos Müller de 1982, como sugerido já por seu título: “Exposição e método dialético em *O capital*”.

Estes autores, mais empenhados no estudo do idealismo alemão e, particularmente, de Hegel, podem ter sido atraídos para tais incursões em terras incógnitas por um debate acalorado entre os próprios marxistas acerca do método de Marx e da maneira mais adequada de ler *O capital*, motivados, de um lado, por um processo de revisão interna dos partidos comunistas, em curso desde os anos 1950, e, de outro lado, pelo desafio lançado pelo projeto de Louis Althusser de ler *O capital*, com suas teses provocativas de ruptura epistemológica entre o jovem Marx e o Marx d’*O capital*, de afastamento do projeto maduro de Marx da influência

¹ Uma versão anterior, com o título “These zur Dialektik als Darstellungsmethode (im ‘Kapital’ von Marx)” foi publicada em 1974, sintomaticamente no *Hegel-Jahrbuch* daquele ano.

hegeliana e, finalmente, de uma leitura lógica e estrutural d'*O capital*. Este é o contexto em que entra no debate um grupo em torno de Joachim Bischoff que se denominava *Projekt Klassenanalyse* (PKA),² do qual Marcos Müller teria participado por algum tempo, segundo informa Emmanuel Nakamura, baseado em conversas pessoais: “Durante o período em que morou na Alemanha, Marcos Müller frequentou o grupo de pesquisa do coletivo de redação de influência leninista conhecido nos anos 1970 como *Projekt Klassenanalyse* (PKA). Com isso, ele vivenciou, em sua efervescência, o auge do movimento conhecido como *Neue Marx-Lektüre* e acompanhou o desenvolvimento de uma leitura sofisticada da teoria do valor de Marx. Engana-se quem pensa que se tratava de uma adesão acrítica a essas leituras, pois a sua recepção da obra de Marx trazia também autores que vêm da tradição hegeliana, como, por exemplo, Hans-Friedrich Fulda e Michael Theunissen. No momento em que os ‘Seminários Marx’ da USP davam os seus últimos frutos com a tese de Fernando Novais em 1978, Marcos Müller chegava de volta ao Brasil com uma leitura robusta e atualizada de Marx e, sobretudo, da filosofia clássica alemã.”³

Com uma pequena correção, relevante para situar bem o contato direto de Marcos Müller com o que Hans-Georg Backhaus batizou em 1997 de *Neue Marx-Lektüre*,⁴ essa informação biográfica é bastante útil para contextualizar o artigo de Marcos Müller. Conforme o detalhado estudo histórico de Ingo Elbe, o coletivo autoral PKA empreende já em 1972 uma crítica da compreensão ortodoxa, quer dizer, marxista leninista, da apresentação da teoria do valor por Marx, submetendo à crítica particularmente a compreensão de Lênin da crítica da economia política, que no essencial segue a interpretação histórica de Engels.⁵ Com isto, o coletivo apresenta uma das primeiras versões que rompem com a leitura histórica da apresentação d'*O capital* de Marx, propondo uma leitura lógica, como será predominante na *Neue Marx-Lektüre*. Como aponta Elbe na mencionada passagem, o coletivo concentra sua crítica em exposições de Lênin, evitando cuidadosamente a referência a Engels, apesar de este ser o autor da confusão entre as dimensões lógica e histórica na leitura do projeto de Marx.

² O PKA se desenvolvia no Instituto de Sociologia da Freie Universität Berlin.

³ NAKAMURA, E. Marcos Lutz Müller (1943-2020). **A Terra é Redonda**, 18/09/2020. Link: <https://aterraeredonda.com.br/marcos-lutz-muller-1943-2020/>, 2020.

⁴ Cf. BACKHAUS, H.-G. **Dialektik der Wertform. Untersuchungen zur Marxschen Ökonomiekritik**. Freiburg: ça ira, 1997, p. 9.

⁵ Cf. ELBE, I. **Marx im Westen. Die neue Marx-Lektüre in der Bundesrepublik seit 1965**. Berlin: Akademie Verlag, 2010, pp. 90ss.

Passando então para o texto de Fulda, percebe-se nele a atenção de um *scholar* hegeliano a um debate sobre a relação de Marx com Hegel que vem sendo desenvolvido desde a década anterior, com particular intensidade a partir do artigo de Althusser de 1963 sobre a dialética materialista, incluído como capítulo em *Pour Marx*, de 1965. Neste artigo, Althusser expressava sua insatisfação com a literatura que se ocupou até então do método de Marx e, particularmente, de sua relação com o método dialético hegeliano, constatando nela o eterno retorno das célebres citações do posfácio à segunda edição d'*O capital*, no máximo variadas com algumas paráfrases.

Para nos orientar sobre este tópico, convém citar rapidamente as passagens centrais deste posfácio. A primeira introduz a célebre distinção entre modo de apresentação e modo de investigação: “Certamente o modo de apresentação deve distinguir-se formalmente do modo de investigação. A investigação tem de se apropriar da matéria no detalhe, analisar suas diversas formas de desenvolvimento e descobrir seu nexos interno. Somente depois de concluído este trabalho, o movimento efetivo pode ser apresentado adequadamente. Logrado isto, e refletindo-se então idealmente a vida do material, pode parecer que se trata de uma construção *a priori*.”⁶ Como esta aparência de construção apriorística pode dar uma impressão errada, Marx passa em seguida a se posicionar em relação ao movimento dialético hegeliano, que supostamente seria um modelo de tal construção: “Meu método dialético, em seus fundamentos, não só é diferente do hegeliano, mas seu oposto direto. Para Hegel, o processo do pensamento, que ele até transforma num sujeito independente sob o nome de ideia, é o demiurgo do real, o qual constitui apenas sua aparência externa.”⁷ Até aí se poderia ter a impressão de que Marx não quer ser visto associado a Hegel; mas então vem o reconhecimento do mérito do outro e a possível relação entre o método de ambos, em expressões metafóricas que já renderam, para falar com Althusser, muitas paráfrases: “Eu critiquei o lado mistificador da dialética hegeliana há quase 30 anos, num tempo em que ela ainda era moda. [...] A mistificação que a dialética sofre nas mãos de Hegel não impede de maneira alguma que ele tenha apresentado pela primeira vez de modo abrangente e consciente suas formas universais de movimento. Nele, ela se encontra de ponta-cabeça. É preciso invertê-la, a fim de descobrir o cerne racional no invólucro místico.”⁸

⁶ MEGA² II.6, p. 709.

⁷ MEGA² II.6, p. 709.

⁸ MEGA² II.6, p. 709.

Ora, o artigo de Fulda busca justamente elucidar alguns aspectos das metáforas aqui empregadas por Marx, tentando contribuir assim para levar a leitura um pouco além das meras citações e paráfrases lamentadas por Althusser na literatura correspondente. Fulda explora o potencial semântico da expressão “*umstülpen*”. Induzido pelo que antecede no texto de Marx, de que em Hegel a dialética se encontra de ponta-cabeça, o leitor em geral é levado a entender que Marx afirma aqui que é preciso colocar Hegel de pé ou desvirá-lo, o que constitui um dos sentidos possíveis da expressão. Fulda lembra, entretanto, que existem outros, apontando particularmente para aquele que diz “virar pelo avesso ou voltar para fora o que está dentro e para dentro o que está fora”. Althusser traduzia a expressão por “inverter”, o que constitui uma opção razoável também em português (usual, por exemplo, em expressões como “casaco inversível ou reversível”, quer dizer, que pode ser virado do avesso e, assim, usado dos dois lados). Neste sentido, lembrava Fulda: “‘Inverter a dialética’ indica antes uma operação comparável àquela que se realiza, por exemplo, numa luva ou no punho de uma manga de camisa. Também em tal operação, aquilo que antes estava em cima – eventualmente até de forma errada – acaba agora em baixo. Mas essencial é outra coisa. Pois ao mesmo tempo aquilo que antes estava fora, mesmo que eventualmente devesse estar dentro, acaba agora efetivamente dentro; e aquilo que neste caso estava erroneamente dentro acaba fora.”⁹

De imediato, e para a simples finalidade de uma leitura coerente do texto, este sentido permite integrar as metáforas que Marx emprega, o que não seria o caso com a interpretação mais corrente de “inverter” como colocar em pé: “Só a requerida inversão transforma o cerne em algo involucrado, tornando-o compreensível como cerne de um invólucro. Exatamente assim é o caso do aniquilamento da situação invertida em que se encontram a luva dialética e seu cerne ‘racional’ em Hegel. Se, ao contrário, ‘*umstülpen*’ é entendido no outro sentido, o par metafórico *cerne e invólucro* não se deixa conectar sem interrupção à figura de linguagem de que Marx partiu. E Althusser viu isto corretamente.”¹⁰

É aqui que entra a apropriação desta sugestão de Fulda por parte de Marcos Müller, que procura determinar seu sentido no contexto da teoria de Marx. Inicialmente ainda retomando as citações célebres, mas depois procurando avançar a interpretação, Marcos Müller colocava uma série de questões que caberia à pesquisa responder: “Quais as transformações

⁹ FULDA, H. F. Dialektik als Darstellungsmethode im “Kapital” von Marx. *Ajatus*, 37, 1978, p. 188.

¹⁰ FULDA, Dialektik als Darstellungsmethode im “Kapital” von Marx, p. 188.

que o ‘caroço racional’ da dialética hegeliana sofre na tentativa marxiana de desvinculá-la dos pressupostos idealistas da metafísica do conceito da *Ciência da lógica* e de virá-la materialistamente ao avesso, tornando-a, assim invertida, numa fonte de inteligibilidade das estruturas econômicas da sociedade capitalista?”¹¹ “[C]omo retomar a idéia de conhecimento dialético sem comprometer-se com a componente especulativa da exposição dialética e sem romper com a crítica do jovem Marx aos seus aspectos mistificadores e harmonizantes?”¹² “Como evitar o duplo escolho de uma dialética materialista, tributária em sua inteligibilidade da dialética hegeliana, a única a possuir inteligibilidade própria e autônoma, graças ao seu idealismo conseqüente, e o achatamento vulgar-materialista da dialética em termos de ‘espelhamento’ (*Widerspiegelung*), este bastardo positivista da especulação hegeliana, que assolou a tradição marxista fazendo-a regredir a uma posição pré-kantiana? O que significa que a dialética hegeliana está de ponta-cabeça e como entender adequadamente o programa marxiano do ‘*umstülpen*’ (inverter e virar ao avesso) da dialética especulativa?”¹³

Como sugerido por Fulda, Marcos Müller insiste em que é preciso superar aquela interpretação do “*umstülpen*” como mero pôr de pé o que está de ponta-cabeça, que leva à trivialização materialista ou mesmo empirista das metáforas de Marx. Estas ganham mais coerência e ampliam seu campo de associações semânticas ao serem entendidas num processo de inversão que é um virar pelo avesso, superando-se assim a mistificação que caracterizaria a dialética hegeliana mediante sua inversão, expondo como aparência aquela identidade harmonizante que para Hegel constitui a essência do processo e apresentando como sua essência a contradição, que em Hegel caracteriza o movimento na aparência. Este seria então o programa, que Marx “legitima, num primeiro momento, ao afirmar a possibilidade de uma distinção de princípio entre o potencial crítico e de inteligibilidade da dialética hegeliana e as implicações idealistas que a falseiam e a mistificam. Mas o abuso da metáfora da extração do ‘caroço racional’ do seu ‘envoltório místico’, como único esclarecimento à questão posta, acabou por exauri-la e torná-la um expediente. E associada à outra metáfora da ‘*Umstülpung*’, traduzida insuficientemente por ‘inversão’, ela termina por tornar aquela extração uma operação de mágica trivial, como se bastasse pôr, novamente, a dialética hegeliana de pé, restabelecendo os direitos do realismo da consciência natural face ao idealismo de especulação, para que a péro-

¹¹ MÜLLER, M. L. Exposição e método dialético em “O capital”. *Boletim SEAF*, n. 2, 1982, pp. 18-19.

¹² MÜLLER, Exposição e método dialético em “O capital”, p. 24.

¹³ MÜLLER, Exposição e método dialético em “O capital”, p. 25.

la saïsse sozinha da ostra [complicação desnecessária de Marcos Müller]. Não basta inverter, uma segunda vez, aquilo que a especulação já inverteu, com a intenção de fazer a dialética hegeliana andar com os próprios pés, para que ela revele um potencial de racionalidade que a projete além de seus limites idealistas. É preciso, além de invertê-la, *virá-la ao avesso*, como exige a outra significação presente na palavra alemã ‘*umstülpen*’, mostrando que as contradições presentes nos fenômenos não são a aparência de uma unidade essencial, mas a essência verdadeira de uma ‘objetividade alienada’ (e não da ‘objetividade enquanto tal’), e que a sua resolução especulativa na unidade do conceito é que representa o lado aparente, mistificador, de uma realidade contraditória. Virando ao avesso a realidade invertida, alienada pelo capital, ‘enquanto figura objetiva consumada da propriedade privada’, a contradição, que estava do lado de fora, transforma-se no seu verdadeiro interior, na pérola [?] racional desta realidade, e o que estava por dentro, a unidade resolutiva e integradora das contradições, revela-se como o seu exterior aparente, o seu envoltório não só místico, mas mistificador. [Nota de Marcos Müller: Devo a H. F. Fulda a análise do duplo significado de ‘*Umstülpung*’ e das suas implicações críticas.] Daí a importância de reler *O capital* também numa perspectiva de continuidade da crítica do jovem Marx, particularmente da crítica ao duplo aspecto mistificador do idealismo: ao aspecto “*positivista*”, enquanto o dado imediato, o existente, transfigurado pela especulação, é assumido acriticamente e ratificado em sua positividade pelo sistema, e ao aspecto *especulativo*, propriamente idealista, enquanto resolução harmonizante das contradições numa unidade essencial, que se torna para Marx aparente, ideológica. É preciso interpretar a ‘*Umstülpung*’ neste horizonte, para que a crítica ao idealismo dê plenamente os seus frutos.”¹⁴

Isto constitui efetivamente um avanço da compreensão da relação de Marx com Hegel no que concerne ao método dialético, o que já havia sido começado por Fulda, a quem Marcos Müller não deixa de dar o crédito. Sem ainda entrar na aplicação deste resultado à crítica da economia política de Marx, onde se encontra seu terreno mais fértil, como Marcos Müller ensaiará na sequência, Fulda ia além da citação célebre ou da mera metáfora, propondo efetivamente uma interpretação para a inversão reclamada por Marx: “A dialética especulativa, acredita Marx, é uma inversão das relações reais na medida em que declara o real contraditório, e assim pertencente ao interior de nossa apresentação, como meramente *exterior*, a saber, como aparência; e na medida em que afirma que há um lado interno das coisas, que este lado

¹⁴ MÜLLER, Exposição e método dialético em “O capital”, pp. 25-26.

é o essencial e que nele toda a multiplicidade e efetividade conflituosa constitui uma unidade harmônica completa. A ideia de que tudo – incluindo nós mesmos e nossos problemas reais – deve ser imerso nesta unidade constitui a forma *mística* em que a dialética se encontra em Hegel. Esta dialética é adquirida – ou antes lograda – pelo preço da inversão de todas as relações reais do interno e externo, do um e muitos, da aparência e da essência, do sujeito e predicado. Pois a inversão não é só mística, mas ao mesmo tempo mistificação, mistagogia enganadora. Não é verdade que existe aquele interior místico – a ideia única daquele um sobre cuja cabeça filosofante se apoia a dialética. Na verdade, as ideias do todo harmônico pertencem ao exterior, ao lado das aparências sociais. Elas são ilusão que se prende tenazmente a estas aparências.”¹⁵

A partir disto, certamente se poderia desenvolver uma análise crítica da representação burguesa das coisas, pois concretamente é disto que se está falando aqui. A ideologia burguesa vive na ilusão de que sua sociedade constitui no fundo uma unidade harmônica, apenas perturbada externamente por demandas irracionais das pessoas, de Estados democráticos e socializantes etc., escamoteando sistematicamente as contradições que constituem esta sociedade. É na direção desta inversão que aponta Fulda: “Se transformamos, ao contrário, a dialética hegeliana invertendo-a, então não só a unidade harmônica antes declarada essencial acaba do lado do exterior e da ilusão, também a contradição ganha agora seu lugar correto. Ela se torna o interior e o verdadeiramente essencial ou – como Marx dirá n’*O capital* – a “nascente de toda dialética” [MEW 23, 623].”¹⁶ Em Marx, o método de apresentação “não é método de uma teoria de unidade sistemática da razão, mas forma de apresentação de uma teoria da catástrofe.”¹⁷ Esta catástrofe é a própria sociedade burguesa ou capitalista, com o que Fulda chegava ao limite de sua análise. Apenas para tornar mais saliente o resultado desta análise, pode-se ainda citar duas passagens do texto de Fulda. A primeira enuncia o propósito da própria análise: “Se as contradições se tornam o interior, e as unidades harmônicas, ao contrário, o exterior e a ilusão nas aparências que encobre as contradições, então o percurso que leva a cada contradição tem de consistir em cada caso no desencobrimento e negação da ilusão encobridora da contradição.”¹⁸ A segunda apresenta Marx como aquele que se dispôs a cumprir

¹⁵ FULDA, *Dialektik als Darstellungsmethode im “Kapital” von Marx*, pp. 188-9.

¹⁶ FULDA, *Dialektik als Darstellungsmethode im “Kapital” von Marx*, p. 190.

¹⁷ FULDA, *Dialektik als Darstellungsmethode im “Kapital” von Marx*, p. 195.

¹⁸ FULDA, *Dialektik als Darstellungsmethode im “Kapital” von Marx*, p. 200.

o programa: “Naquele lugar sistemático em que se encontra em Hegel a construção em cada caso de uma unidade especulativa, encontra-se em Marx o contrário: a destruição de uma unidade em cada caso ilusória.”¹⁹

Creio que não se podia esperar que um hegeliano fosse mais longe do que isto em sua incursão pela seara marxista. Vindo de um outro cenário, entretanto, Marcos Müller foi um pouco mais longe, preparando o terreno para avanços futuros, que deixaria, entretanto, para os que o leram e ouviram. Ele leva suas considerações sobre dialética para o cerne da crítica da economia política de Marx, identificando nela a fertilidade do método hegeliano devidamente invertido: “Mas esta decifragem das estruturas econômicas da sociedade burguesa nas relações conceituais da lógica hegeliana só ocorreu através de longo trabalho de apropriação e crítica do pensamento econômico burguês, que transformou profundamente a economia política como ciência ao mostrar os vínculos de classe em sua estrutura categorial, permitindo, por um lado, uma compreensão sistemática dos fenômenos econômicos a partir de sua lei essencial, a lei do valor e da valorização do capital e possibilitando, por outro, a inteira reconstrução do sistema categorial da economia política conforme um determinado paradigma de dialética, cuja força heurística só foi tão avassaladora porque Marx viu antecipadas em certas relações conceituais da *Ciência da lógica* estruturas econômicas que seu diagnóstico do capitalismo já reconhecera como determinantes da ‘anatomia da sociedade burguesa’.”²⁰

Uma vez suplantada a mistificação do método mediante sua inversão, ele se presta então para apresentar esta “anatomia da sociedade burguesa”: “O que torna [...] válida a desvinculação, reivindicada por Marx, entre o núcleo racional da dialética e seus compromissos com a metafísica hegeliana do conceito, é o diagnóstico histórico do capitalismo como modo de produção dominado pela abstração real do valor e do seu fundamento, o trabalho abstrato capitalizado. É o diagnóstico histórico de uma sociedade cujas relações sociais de produção estão dominadas por um universal que se auto-adjudica uma subjetividade pseudo-concreta às expensas da atividade concreta dos indivíduos reais: o capital enquanto valor que se autovaloriza, princípio determinante da reprodução material de uma sociedade que repõe todas as suas condições históricas e lógicas como momentos internos da sua reprodução.”²¹

¹⁹ FULDA, *Dialektik als Darstellungsmethode im “Kapital” von Marx*, p. 201.

²⁰ MÜLLER, *Exposição e método dialético em “O capital”*, pp. 31-2.

²¹ MÜLLER, *Exposição e método dialético em “O capital”*, p. 33.

Na ordem das aparências, o capital se arvora assim em sujeito absoluto que dita as regras do mercado e subjuga todos os seus agentes às suas “leis” incontornáveis; na ordem da essência, entretanto, o capital, como valor que se valoriza, ou seja, como trabalho abstrato apropriado no passado que mobiliza trabalho vivo para a produção de mais-valor, apresenta-se como um vampiro que sobrevive de sangue alheio, no caso, do trabalho expropriado. Impliciteamente, Marcos Müller fornece uma interpretação concreta da desejada inversão da dialética ao caracterizar a subjetividade do capital como pseudo-concreta ou então o capital como pseudo-sujeito: “É a relação de produção capitalista transformada no verdadeiro sujeito social da produção e no princípio determinante de todas as estruturas econômicas da sociedade. A descrição metafórica do capital como um vampiro que suga, enquanto trabalho morto, o trabalho vivo do trabalhador, ressalta estes dois aspectos da relação capitalista: 1.) redução da atividade concreta do trabalho à atividade formadora de valor; 2.) a sua pseudo-subjetivação num substrato alheio, que domina aquela pelo poder de dominação que resulta do trabalho vivo.”²² Os dois lados da relação social constitutiva da moderna sociedade burguesa, o capital e o trabalho, encontram-se numa contínua disputa em que o capital subjuga o trabalho para se fazer passar pelo sujeito efetivo, o que não pode ocorrer sem a contínua repressão e desmobilização do sujeito trabalhador; e assim a “positividade do sujeito se dissolverá na pseudo-subjetividade do capital e no esvaziamento e na repressão da subjetividade individual pelo capital.”²³

O passo seguinte, que Marcos Müller apenas tangencia, seria a análise das mistificações do capital e do fetichismo em sua progressiva dominação social como fetichismo da mercadoria, do dinheiro e do capital, que mostraria a fertilidade do método dialético ao expor as relações sociais essenciais como relações de dominação escamoteadas por aparentes relações naturais do capital em sua reprodução: “Por isto, antes de serem abstrações teóricas do analista, as categorias da economia política são pensadas por Marx como expressões teóricas da abstração real presente nestas relações, que se opõem aos indivíduos como um poder de dominação. O fetiche das categorias da economia política, que exprimem a abstração real destas relações, implica dois momentos que consolidam a sua falsa imediaticidade: primeiro, sua autonomização face aos indivíduos e sua transformação em ‘abstrações’ que os dominam, e,

²² MÜLLER, Exposição e método dialético em “O capital”, p. 34.

²³ MÜLLER, Exposição e método dialético em “O capital”, p. 28.

segundo, a sua incorporação, assim subjetivadas, como propriedades objetivas ('coisais') dos substratos econômicos materiais (o valor como propriedade natural da mercadoria, a comensurabilidade das mercadorias como resultante da ação mediadora do dinheiro, a produtividade como qualidade inerente ao capital).”²⁴

O mencionado passo foi efetivamente dado entre nós por Jorge Grespan, que, sob orientação de Marcos Müller, realizou sua tese de doutorado sobre o conceito de crise em Marx, defendida em 1994 e publicada em 1998 com o título de *O negativo do capital: O conceito de crise na crítica de Marx à economia política*. Marcos Müller escreveu, aliás, um prefácio a esta edição, numa das raras ocasiões em que voltou a se ocupar de Marx em texto publicado (a outra seria um artigo sobre democracia em Marx, de 2018). Grespan concluía sua tese com algumas considerações sobre o fetichismo, descortinando a perspectiva de uma análise do complexo da representação na sociedade capitalista, que seria objeto de seu livro *Marx e a crítica do modo de representação capitalista*, publicado em 2019. Ainda que posterior, este livro justifica plenamente que Grespan tenha sido incluído por Jan Hoff em seu livro *Marx global: Zur Entwicklung des internationalen Marx-Diskurses seit 1965* (2009).

Que o artigo de Marcos Müller ainda tem muito a nos dizer poderia ser mostrado com seu parágrafo final, em que se coloca em relação direta com um dos pioneiros da *Neue Marx-Lektüre*, traçando considerações sobre a possibilidade de uma leitura invertida da ontologia hegeliana como representação da sociedade burguesa, que tinha sido sugerida por Helmut Reichelt: “A legitimação de uma dialética materialista pelo diagnóstico histórico da sociedade capitalista – que reconhece nas suas estruturas econômicas, enquanto dominadas pela abstração real do valor, análogos reais de algumas relações conceituais explicitadas por Hegel na *Ciência da lógica*– se insere, portanto, numa teoria mais ampla, que resulta da reconstrução regressiva das condições históricas do surgimento de um sistema de produção, que termina por tornar ‘praticamente verdadeiro’ o realismo ontológico de Hegel, enquanto instrumento de detecção do universal real do trabalho abstrato. A exposição dialética das categorias da economia política enquanto ‘formas de manifestação’ das relações sociais dominadas pelo universo real do valor, pode coincidir, assim, com o movimento efetivo do capital enquanto ‘abstração *in actu*’. [...] Neste sentido pode-se dizer, provocativamente, que a subjetivação do valor como capital e a sua expansão histórica e sistemática tornaram o realismo ontológico de

²⁴ MÜLLER, Exposição e método dialético em “O capital”, p. 35.

Hegel um sistema cifrado das relações sociais capitalistas, permitindo a Marx ‘extrair’ da metafísica do conceito hegeliano o ‘caroço racional’ de uma dialética materialista. “O idealismo de Hegel é a sociedade burguesa enquanto ontologia.” [Citação: REICHEL, H. *Zur logischen Struktur des Kapitalbegriffs bei K. Marx*, Europäische Verlaganstalt, Frankfurt/M., 1970, p. 80].”²⁵

Para fechar o que aqui se expôs, nada melhor do que uma citação de Marx mesmo, esta do *Manuscrito de 1861-63*: “Na relação do capital, é característica essencial a mistificação, o mundo invertido, o estar de ponta-cabeça do subjetivo e objetivo, que aliás já aparece no dinheiro.”²⁶

BIBLIOGRAFIA

- BACKHAUS, Hans-Georg. **Dialektik der Wertform. Untersuchungen zur Marxschen Ökonomiekritik**. Freiburg, ça ira, 1997.
- ELBE, Ingo. **Marx im Westen. Die neue Marx-Lektüre in der Bundesrepublik seit 1965**. Berlin: Akademie Verlag, 2010.
- FULDA, Hans Friedrich. Dialektik als Darstellungsmethode im “Kapital” von Marx. **Ajatus**, 37, 1978.
- MARX, Karl. Das Kapital. Kritik der Politischen Ökonomie. Erster Band. **MEGA² II.6**. Berlin: Dietz, 1991.
- MARX, Karl. Zur Kritik der politischen Ökonomie (Manuskript 1861-1863). **MEGA² II.3.5**. Berlin: Dietz, 1991.
- MÜLLER, Marcos Lutz. Exposição e método dialético em “O capital”. **Boletim SEAF**, n. 2, 1982.
- NAKAMURA, Emmanuel. Marcos Lutz Müller (1943-2020). **A Terra é Redonda**, 18/09/2020. Link: <https://aterraeredonda.com.br/marcos-lutz-muller-1943-2020/>, 2020.

RECEBIDO EM 09/05/2024

ACEITO EM 15/07/2024

²⁵ MÜLLER, Exposição e método dialético em “O capital”, pp. 40-41.

²⁶ **MEGA² II.3.5**, p. 1604.